

Identificação e análise da cadeia produtiva da uva e do vinho na região da Serra gaúcha[#].

Versão 20.01.04

Divanildo Triches^{*}
Renildes Fortunato Siman^{**}
Wilson Luis Caldart^{***}

Resumo

O presente trabalho identifica e analisa a cadeia produtiva da uva e do vinho da Serra Gaúcha. Além disso, estima-se, por meio de método econométrico, a função demanda por vinhos finos. Os resultados indicam que a cadeia é altamente estruturada e que os principais atores estão organizados numa linha de integração vertical. A produção nacional de uva e vinho está concentrada nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os maiores produtores da Serra Gaúcha são os municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. A elasticidade da demanda em relação ao preço do vinho foi estimada em 0,9 e a elasticidade em relação à renda foi de 4,9. Isso tende a justificar porque o mercado consumidor de vinhos está localizado sobretudo nos estados brasileiros mais ricos.

Palavras Chaves: Cadeia Produtiva da uva e do vinho; Análise de Mercado.

Abstract

This paper analyzes and defines Sierra Gaucha's productive network of grape and wine. Additionally, the econometric method is employed to evaluate the demand for a very well elaborated wine function. The main results point out the productive network of grape is well structured. The actors of the network are organized in the upright line. The domestic production of grape and wine is concentrated in the state of Rio Grande do Sul and Santa Catarina. The Sierra Gaucha's municipalities Bento Gonçalves and Flores da Cunha are biggest productive of Brazil. The demand elasticity related to price of wine was 0,9 and the demand elasticity related to per capita income was 4,9. This explain why the consumption of wine is associated to richest Brazilian states.

Key Words: Productive network of Grape and Wine, Analysis of Market of grape and wine,

JEL Classification: Q1, Q13, R3, R31.

[#] Esse artigo é um dos resultados do projeto de pesquisa “As cadeias produtivas da uva e vinho e de carnes da região da Serra Gaúcha: análise da estrutura de produção e oportunidade de investimento”, que contou com a participação dos alunos do curso de Ciências Econômicas, **Sirlei Felippi**, bolsista de iniciação Científica da FAPERGS, e **Jaqueson Kingeski Galimberti**, bolsista de iniciação Científica do CNPq.

^{*} Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor Depto de Ciências Econômicas da Universidade de Caxias do Sul, e. mail.: dtriches@ucs.br.

^{**} Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa e Professora Depto de Ciências Econômicas da Universidade de Caxias do Sul, e. mail.: rfsiman@ucs.br

^{***} Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor Depto de Ciências Econômicas da Universidade de Caxias do Sul, e. mail.: wlcaldart@ucs.br

1 - Introdução

As inovações e as mudanças tecnológicas acompanhadas da nova reorganização das economias mundiais têm colocado, neste final de século, desafios a todos os países. Portanto, como abordam Triches & Zorzi (1999), as manutenções do nível de emprego e do bem-estar da população requerem melhorias constantes nas condições e nos processos produtivos, bem como no desenvolvimento de novos produtos. Essas melhorias vêm sendo alvo de preocupação não só de governos, mas também de organizações regionais que têm assumido um importante papel no desenvolvimento integrado na área de sua influência.

Nesse sentido, o estudo das principais cadeias produtivas já presentes numa determinada região permite identificar as suas principais potencialidades e deficiência. Dentro desse contexto, são destacados os aspectos competitivos, as vantagens comparativas, os estrangulamentos setoriais e a necessidade da manutenção do dinamismo produtivo, entre outros aspectos de suma relevância para o desenvolvimento da economia local. Portanto, é de fundamental importância a elaboração de um planejamento coordenado envolvendo a comunidade regional. Esse processo viria apontar as estratégias e as linhas de ação a serem implementadas e perseguidas pela região da Serra Gaúcha de forma articulada às grandes tendências mundiais. Isso indicaria também as alternativas de investimentos de forma racional e eficiente que podem dinamizar e garantir a competitividade dos principais atores locais da cadeia e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico mais acelerado da região. Além disso, tal fato viria também aumentar a capacidade de resposta da região aos desafios de globalização e para a consolidação de novos paradigmas tecnológicos.

Nesse contexto, o estudo tem o objetivo de dimensionar e identificar a cadeia produtiva de uva e do vinho da Serra Gaúcha e, em especial, analisar o último componente da cadeia que é a demanda final do produto. Para tanto, o texto está organizado como segue. A seção 2 descreve resumidamente os aspectos teóricos e a identificação da cadeia produtiva da uva e do vinho. O item 3 analisa a produção da uva e do vinho no contexto internacional. A produção doméstica e da Serra Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul é tratada na seção 4. O item seguinte aborda os aspectos relacionados ao mercado. A seção 6 discorre sobre os aspectos institucionais e organizacionais da cadeia e sobre as

oportunidades de investimentos. Por fim, na seção 7, encontram-se as considerações finais e as conclusões.

2 – Concepção teórica e identificação da cadeia da uva e do vinho

As cadeias produtivas constituem-se um conjunto de fases consecutivas pelas quais passam e são transformados e transferidos os diversos bens intermediários. Em outras palavras, a cadeia produtiva é o conjunto de atividades econômicas que se articulam progressivamente desde o início da elaboração de um produto. É ainda uma segmentação longitudinal, sendo cada etapa do processo produtivo representada por uma empresa ou um conjunto delas. Assim, essas cadeias resultam da crescente divisão do trabalho e na maior interdependência entre todos os segmentos produtivos que incluem os elos de ligação entre matérias-primas básicas, as máquinas e equipamentos, os produtos de consumo intermediário e produto final bem como com sua distribuição e comercialização. Para Prochnik e Haguenaer (2001), as cadeias produtivas são criadas pelo processo de desintegração vertical e pela especialização técnica e social.

A cadeia produtiva, no conceito de Castro (2002) e Cunha (1993), é um sistema constituído por um grande número de elementos e processos interligados e interativos, incluindo sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços, indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, que propiciam a oferta de bens e serviços aos consumidores finais. Esse conjunto de processo e de instituições ligadas por objetivos comuns constitui um sistema que, por sua vez, engloba outros sistemas menores ou subsistemas. Assim, a reunião de todos os sistemas ou cadeias produtivas pertencentes à agroindústria caracteriza-se num sistema maior designado de agronegócio¹.

A delimitação das cadeias produtivas, ainda segundo a concepção de Prochnik e Haguenaer (2001), passa por duas fases; a construção de uma matriz de transações e a delimitação das cadeias na própria matriz. A primeira pode ser fundamentada na matriz de insumo-produto em que se deriva uma rede de transações intersetoriais. A Segunda é

¹ O agronegócio, ou negócio agrícola, na definição de Castro (2002, p.4), é um conjunto de operações de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização de insumos e de produtos agropecuários e agrofloretais. Inclui serviços de apoio e objetiva suprir o consumidor final de produtos de origem agropecuária e florestal.

baseada no emprego da técnica de agrupamento ou análise de clusters. Assim, qualquer método de delimitação de cluster, em geral, ou cadeias ou complexo industriais, em particular, tem algum grau de arbitrariedade, na decisão de quais são as relações significativas forte e fracas, entre setores.

A análise da cadeia produtiva deve considerar diversos fatores, dentre os quais destacam-se: (i) fatores relacionados à macroestrutura em que a cadeia está inserida, os condicionantes impostos por esta macroestrutura; (ii) diversos tipos de processos que ocorrem no interior das cadeias como compras e vendas, troca de informações, estabelecimento e repactuação de acordos e normas de conduta, etc.; e (iii) comportamentos dos agentes formadores da cadeia bem como as organizações estritamente associadas. Dessa forma, o estudo das cadeias é desenvolvido sob a ótica da integração das atividades de insumos e produtos, tendo em consideração sempre o conhecimento e a dimensão de mercados estratégicos. Tal fato permite a busca do desenvolvimento articulado entre agentes privados, governamentais e de ciências e tecnologia, visando a geração de maior valor agregado².

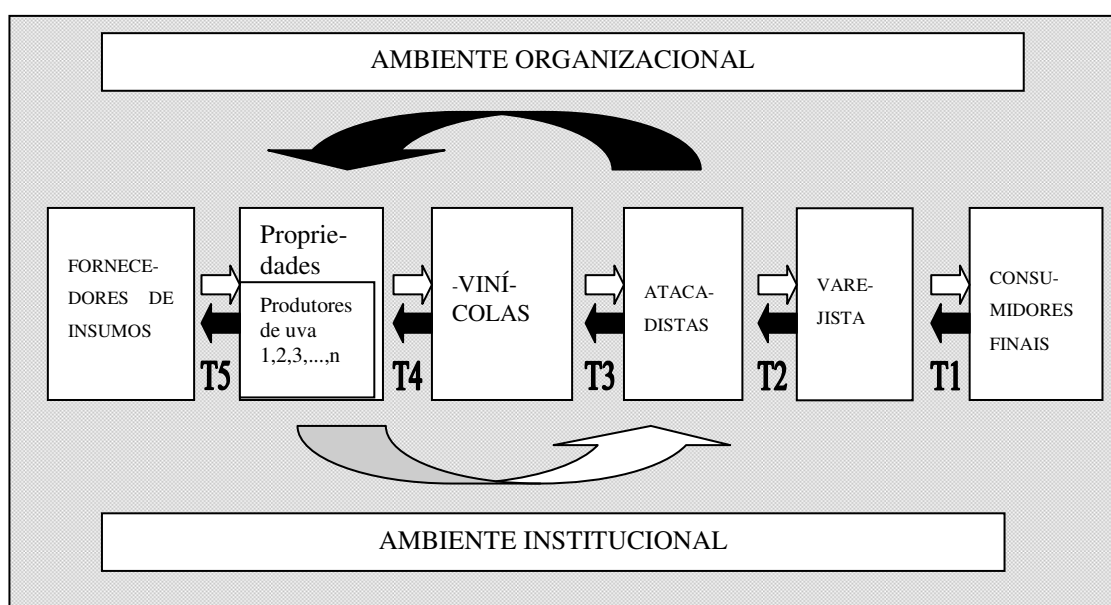
Nesse contexto, torna-se importante caracterizar o papel das instituições e das organizações, segundo a concepção de North (1991), que integram a cadeia produtiva. As instituições representam o conjunto de regras com as quais as interações dos agentes econômicos são modeladas. Elas caracterizam os incentivos de troca no campo político, social e econômico. Por consequência, as mudanças institucionais influenciam diretamente a maneira pela qual as sociedades são envolvidas no decorrer do tempo. Essas mudanças são caracterizadas por um processo complexo porque tendem a ocorrer de forma marginal e contínua. Para North (1991), elas resultam de alterações de regras formais ou informais provocadas por pressões de grupos de interesse e por decisões políticas ou judiciais. Assim, a eficiência de uma determinada cadeia verificada ao longo do tempo é fundamentalmente influenciada pelo grau de envolvimento das instituições.

Dentro dessa concepção, a figura 01 ilustra a cadeia produtiva da uva e do vinho com os seus ambientes organizacional e institucional e seus principais componentes e

² A origem da pesquisa em cadeias produtivas está nos trabalhos franceses filiére, como o de Belon (1983). Na América Latina, esse tema, em parte, deve-se ao ex-aluno de Leontief, o economista argentino Edgardo Lifschitz, ver Prochnik e Haguenaer (2000) e Batalha (1997, Cap. 1).

fluxos. O papel das instituições sejam elas reguladoras ou de pesquisa e desenvolvimento, bem como dos fornecedores de insumos e de equipamentos, entre outros, podem constituir-se em elos de impulsão ou de estrangulamento para o desempenho da cadeia. Portanto, o ponto de partida na identificação da cadeia produtiva da uva e do vinho, em suas formas linear, é estabelecido pelos elos fornecedores de insumos que são: fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos, embalagens plásticas, vidros, madeira papelão, além dos produtores de mudas e arames, etc. Os componentes intermediários e finais da cadeia caracterizam-se pelos produtores de uvas e vinhos, passando pelas redes de atacadistas, varejista e os consumidores finais.

Figura 01 - Representação e identificação da cadeia produtiva da uva e do vinho



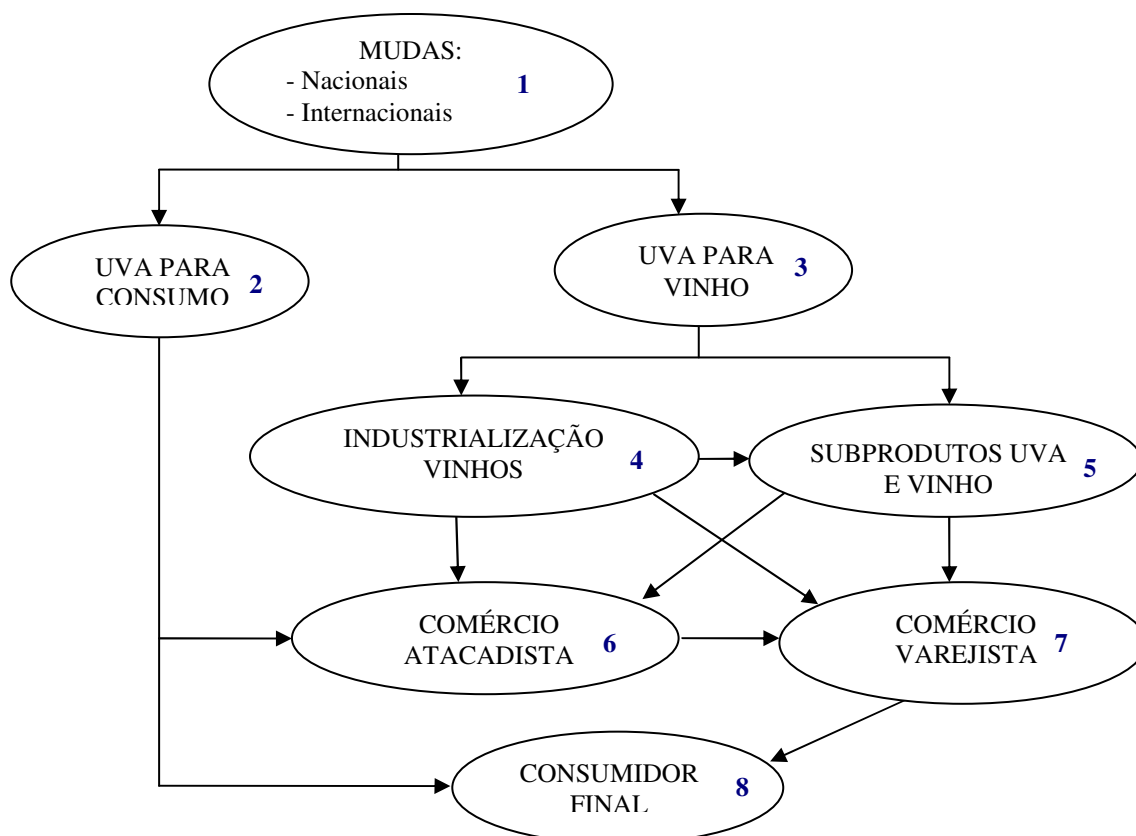
Nota: ⇒ Fluxos de Materiais, ← Fluxo de capital
T = Transações □ Componente ou elo da cadeia produtiva

Na Figura 02, em uma representação mais ampliada, aparece a estrutura central da cadeia da uva e do vinho composta por oito elos enumerados em ordem crescente. As relações entre os elos das cadeias são demonstradas por meio de setas³. Os elos básicos da cadeia central são caracterizados pelos viveiros e os importadores de mudas de videira, pelos produtores de uvas para consumo *in natura* ou para produção de vinhos e derivados; pelas vinícolas que industrializam a uva para produção de vinho e derivados da uva e do vinho, o comércio atacadista e o consumidor final. Entre essas duas pontas estão os canais

³ Uma abordagem alternativa e detalhada sobre a cadeia produtiva de vinhos finos da Serra Gaúcha pode ser encontrada em Souza & Kliemann Neto (2002).

de comercialização e de distribuição de matérias-primas, passando pelas unidades de processamento e de industrialização e novamente a distribuição dos produtos até o comércio atacadista e varejista.

Figura 02 - Estrutura central da cadeia da uva e do vinho



A indústria é o elo mais dinâmico desse processo, pois é o que mais agrega valor. Em função da concorrência internacional, principalmente dos países do Mercosul, a indústria teve que se modernizar adotando novas tecnologias de produção. Deve-se ressaltar, no entanto, que essa tecnologia diz respeito ao segmento de vinhos finos. Já a produção de vinhos comuns ainda carece de tal processo.

3 – Produção internacional da uva e do vinho

A produção mundial de vinhos teve quedas sucessivas nos últimos três anos. Em 2002, foram produzidos 26,8 bilhões de litros, o que significou uma retração de 3,3% em comparação ao ano anterior, como mostra a Tabela 01. A produção, desse ano, já era

inferior em 5,3% àquela registrada em 2000, quando a produção total mundial de vinho produzido chegou, aproximadamente, a 29,3 bilhões de litros.

Com relação ao volume produzido, a França aparece em primeiro lugar, com quase 6,0 bilhões de litros, em 2000, cuja participação total mundial chegou a um quinto. Essa participação caiu ligeiramente para 19,4%, em 2002, com redução na produção para 5,2 bilhões de litros. A Itália figura como o segundo país maior produtor, com 5,4 bilhões de litros, em 2000, e cerca de 4,5 bilhões de litros dois anos mais tarde. A participação desse país oscilou entre 18,9% a 16,6% no total mundial de vinho produzido. A terceira e a quarta classificação são ocupadas pela Espanha e pelos Estados Unidos os quais, em 2002, participavam com 12,8% e 9,6% do volume global de vinho produzido, respectivamente. A relação dos cinco países maiores produtores de vinhos é completada pela Argentina que, em 2002, participava com 4,6% do total. Observa-se, finalmente que, no conjunto, os cinco principais países são responsáveis por aproximadamente dois terços de todo o vinho produzido em nível mundial, ou seja, resta para os demais uma participação no total de 37,0%, apesar de esses percentual estar crescendo desde o ano 2000.

Tabela 01 - Os principais países produtores de vinhos no período 2000 a 2002 (em milhões de litros).

Países	2000	%	2001	%	2002	%
França	5.977	20,4	5.577	20,0	5.200	19,4
Itália	5.409	18,5	5.229	18,9	4.460	16,6
Espanha	4.179	14,3	3.094	11,2	3.444	12,8
Estados Unidos	2.660	9,0	2.300	8,3	2.540	9,6
Argentina	1.254	4,3	1.583	5,7	1.215	4,6
Demais países	9.802	33,5	9.933	35,9	9.927	37,0
Total	29.281	100,0	27.716	100,0	26.786	100,0

Fonte: Food Agriculture Organization (FAO) – www.fao.org.

Os dados da FAO indicam ainda que o Brasil está classificado em décimo sexto lugar, bem atrás de países pouco tradicionais na produção de vinho como, por exemplo, a China e a Austrália que aparecem em sexto e sétimo lugares, com produção média em 2000/2002, de 1,07 bilhões e 1,05 bilhões de litros, respectivamente. Para completar a lista

dos países com produção de vinho superior a do Brasil, segue, por ordem, Alemanha, África do Sul, Portugal, Chile, Romênia, Grécia Hungria e Federação Russa.

4 – Produção doméstica da uva e do vinho

A uva é produzida em diferentes partes do Brasil, porém concentra-se particularmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses dois estados são responsáveis por cerca de 80% da produção nacional de uva e mais de 90% da produção de vinho. Somente o Rio Grande do Sul, segundo Mattuela & Mello (1999), responde por 68% da uva produzida no Brasil e 90% da produção nacional de vinhos e derivados.

O setor da viticultura gaúcho conta com 36 mil hectares de área plantada, 16 mil pequenos produtores e aproximadamente 500 vinícolas. Em 2003, o segmento da uva e do vinho responde por uma produção de 330,7 mil toneladas de uvas comuns, e de aproximadamente 259,6 milhões de litros de vinhos e com relação a produção de uvas viníferas o volume produzido foi de 52,65 mil toneladas que se traduziu em 31,65 milhões de litros de vinhos, conforme mostra a Tabela 2⁴. Observa-se, ainda, que ao longo dos anos 90 a produção de uva na região da Serra Gaúcha sofreu uma redução significativa, sobretudo das uvas da categoria das viníferas. No início da década, a produção das uvas finas era de 98,35 mil toneladas e passou, em 2003, para 52,65 mil toneladas, o que representa uma taxa média anual de redução de 4,69%. Já a taxa média anual de queda na produção das uvas ditas comuns foi de cerca de 0,30%.

No que se refere à produção de vinhos finos, ainda conforme mostra a Tabela 02, observa-se que a Região da Serra produzia 73,69 milhões de litros, em 1990, e reduziu a produção para mais da metade em 2003, ou mais precisamente uma queda média percentual ao ano de 6,29%. A redução maior na produção de vinhos do que na de uva pode, de certa forma, ser explicado pelo aprimoramento na técnica e na qualidade do vinho produzido ao longo do período em análise.

⁴ Em toda cadeia, conforme estimativa da Emater (2002), meio bilhão de reais são movimentados anualmente com emprego direto e indireto em torno de 100 mil trabalhadores.

Tabela 02 - Produção de uvas e vinhos da Serra Gaúcha na década de 1990

Produtos	1990	1995	2003	Variação %*
Uvas comuns	343,662	344,219	330.705	-0,29
Uvas viníferas	98,352	66,111	52.647	-4,69
Total	442,014	410,330	383.352	-1,1
Vinhos comuns	210,538	213,357	259.589	1,62
Vinhos viníferos	73,689	47,126	31.655	-6,29
Total	284,227	260,483	390.297	2,47

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Uva e do Vinho – Embrapa

Nota: os dados sobre a uva referem-se em mil ton. e do vinho em milhões de litros.

* Taxa média anual de variação no período 1990 a 2003.

Por último, a produção de vinhos comuns mostra um comportamento inverso, ou seja, um crescimento médio anual de 1,62%. Tal fato pode ser justificado pela industrialização de uvas procedentes de outros Estados como Santa Catarina, Mina Gerais e Pernambuco⁵.

O município de Bento Gonçalves é destacadamente o maior produtor de uvas e o segundo em produção de vinhos da Região da Serra Gaúcha, com 78,02 mil toneladas e 49,08 milhões de litros, respectivamente, na safra 2002/2003. Isso representa cerca de um quinto de toda a uva e vinho produzidos na região. O município de Flores da Cunha está na segunda classificação em produção de uvas, com 17,22% do total da Região, mas em primeiro lugar na fabricação de vinhos, com 74,4 milhões de litros, isto é, três quartos do total. Tal fato pode ser explicado porque Flores de Cunha processa uvas vindas de outros municípios produtores, como Antônio Prado, Nova Pádua, Nova Roma do Sul, entre outros, com menor capacidade de industrialização. O item outros municípios da Tabela 03 vem confirmar essa afirmação cuja participação na produção total de uva é em torno de 30%, enquanto a de vinho corresponde apenas a 10,7%.

Outro município que apresenta características semelhantes a Flores da Cunha é São Marcos. Ele aparece como terceiro classificado na produção de vinhos, com 10,97% do total, enquanto que, na produção de uvas, encontra-se na última posição dentre os seis

⁵ Dados da Embrapa mostram que, em 2003, fora industrializadas uvas no estado procedente de Andradadas (MG), Petrolina e Lagoa Grande (PE).

municípios maiores produtores de uva e vinhos da região da Serra Gaúcha. Os municípios situados na faixa intermediária como Caxias do Sul e Garibaldi apresentam iguais participações na produção de uva e de vinhos, o que vem confirmar a sua auto-suficiência tanto na oferta quanto no processamento de uva.

Tabela 03 - Os municípios maiores produtores de uva e vinhos da Região da Serra safra 2002/2003.

Município	Uva (mil t.)	% Total	Vinhos (milhões de litros)	% Total
Bento Gonçalves	78,02	20,35	49,08	21,14
Flores da Cunha	66,02	17,22	74,40	32,04
Farroupilha	35,88	9,36	16,18	6,97
Caxias do Sul	35,70	9,31	23,00	9,91
Garibaldi	31,70	8,27	19,12	8,23
São Marcos	21,81	5,69	25,46	10,97
Outros	123,46	29,80	49,66	10,74
Total da Região	383,35	100,00	232,18	100,00

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Uva e do Vinho – Embrapa

5 - Análise do mercado de vinhos e derivados da uva e do vinho

O mercado brasileiro de vinho e outros derivados da uva e do vinho caracterizam-se por ser pouco expressivo quando comparado com outros países tradicionais produtores de vinho. O consumo brasileiro per capita de vinho, segundo Mello (2002), foi de 1,81 litros no ano de 2001, apresentando tendência crescente, enquanto em países como França e Itália é de mais de 50 litros anuais, e na Argentina em torno de 40 litros.

O mercado brasileiro concentra-se na demanda de produtos elaborados internamente, com forte incremento das importações a partir do ano de 1993. Já as exportações totais, nesse ano, elevaram-se para 29,71 mil toneladas, mantendo-se em torno desse patamar até o ano de 1997. Nos anos seguintes, os volumes exportados retornaram aos níveis anteriores a 1993, com visível tendência de decréscimo, chegando a 9,11 mil toneladas em 2002. O resultado da balança comercial é negativo para o Brasil, tanto em quantidades quanto em termos de valores. Os principais produtos exportados são o suco de

uva, especialmente o concentrado, e o vinho de mesa, enquanto as compras brasileiras do exterior são, essencialmente, de vinho de mesa e de espumantes.

A exportação de suco de uva destina-se principalmente para o Japão e Estados Unidos. Tais países demandaram 81,79% do total exportado no ano de 2002 (Tabela 04). Na realidade, houve uma alternância na importação de suco de uva brasileiro entre esses dois países. Os Estados Unidos figuravam como principal comprador no ano de 1990, e o Japão passou a ser o consumidor mais importante de sucos em 2002.

Tabela 04 - Exportação brasileira de suco de uva, no período de 1990 a 2002 (em mil toneladas).

Produto \ Ano	1990	1995	2002	% Total	Variação %*
Estados Unidos	4,08	1,30	1,42	20,85	-7,42
Japão	0,75	2,15	4,15	60,94	15,32
Outros Países	1,55	1,80	1,24	18,21	-1,84
Total	6,38	5,25	6,81	100,00	0,54
Valor FOB (US\$ milhões)	10,14	7,35	10,87		0,58
Preço médio (US\$/Kg)	1,59	1,40	1,60		0,05

Fonte: Secex/MDIC e Embrapa Uva e Vinho, disponível no endereço <http://www.embrapa.gov.br>.

* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

As Tabelas 05 e 06 apresentam um resumo das exportações e importações de vinho de mesa, principal produto elaborado no Brasil e também importado, por origem e destino. O principal país importador do produto brasileiro é o Paraguai, com uma participação de 89,3% do total exportado em 2002. Os Estados Unidos e também o Paraguai reduziram significativamente suas importações de 1995 para 2002, embora o preço médio do produto tenha sofrido uma redução média anual de 6,31%. A contração das compras dos principais consumidores internacionais obrigou o setor a buscar outros mercados, fato constatado pelo aumento das vendas para outros países.

Tabela 05 - Exportação brasileiras de vinho de mesa por destino, no período de 1990 a 2002 (em mil toneladas).

Produto	Ano			% Total	Variação %*
	1990	1995	2002		
Estados Unidos	2,53	6,13	0,01	0,44	-36,94
Paraguai	0,82	7,81	2,01	89,33	7,76
Outros Países	0,10	0,80	0,23	10,22	7,19
Total	3,45	14,74	2,25	100,00	-3,5
Valor FOB (US\$ milhões)	3,63	12,77	1,08	-	-9,61
Preço médio (US\$/Kg)	1,05	0,87	0,48	-	-6,31

Fonte: Secex/MDIC e Embrapa Uva e Vinho, disponível no endereço <http://www.embrapa.gov.br>.

* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

Quanto às importações, constata-se um forte incremento, cuja taxa média anual de crescimento foi de 9,46%. O produto se originou principalmente do Chile e da Itália. No entanto, salienta-se que as compras brasileiras provenientes do Uruguai apresentaram a maior taxa de crescimento, ou seja, 70,37% ao ano. Em relação ao preço médio, nota-se que houve um incremento de 4,54% quando comparado o ano de 1990 com 2002, o que não foi suficiente para inibir as importações.

Tabela 06 - Importação brasileiras de vinhos de mesa por origem de 1990 a 2002 (em mil toneladas).

Produto	Ano			% / Total	Variação %*
	1990	1995	2002		
Alemanha	3,34	11,93	0,76	3,14	-11,60
Portugal	1,56	5,99	3,05	12,61	5,75
Chile	1,53	2,62	6,20	25,64	12,37
Itália	0,50	3,87	5,88	24,31	22,80
França	0,48	2,04	2,36	9,76	14,19
Argentina	0,46	1,40	3,87	16,00	19,42
Uruguai	0,00	0,03	1,25	5,17	70,37
Outros Países	0,30	0,83	0,81	3,34	8,63
Total	8,17	28,71	24,18	100,00	9,46
Valor FOB (US\$ milhões)	16,07	53,04	50,19	-	9,95
Preço médio (US\$/Kg)	1,97	1,85	2,08	-	4,54

Fonte: Secex/MDIC, in Embrapa Uva e Vinho em <http://www.embrapa.gov.br>.

* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

O mercado de vinho e derivados da uva e do vinho brasileiro tem como base os produtos elaborados no Rio Grande do Sul como foi discutido na seção quatro. Os principais produtos comercializados encontram-se na Tabela 07. O destaque ocorreu por conta do vinho comum, com 70,49% do total no ano de 2002, o qual apresentou uma taxa de crescimento anual de 2,72%, no período 1990 a 2002.

Em segundo lugar no volume comercializado, encontra-se o vinho de viníferas, ou fino, com 7,88% do total, todavia esse produto apresentou taxa negativa de crescimento. O mercado desse segmento de vinho, na década de oitenta e início dos anos 90, era considerado pelo setor vitivinícola como um dos mais promissores, porém a abertura às importações trouxe conseqüências negativas para o seu crescimento⁶.

Tabela 07 - Evolução da comercialização de vinhos e outros produtos elaborados no Rio Grande do Sul de 1990 a 2002 (em milhões de litros).

Produto \ Ano	1990	1995	2002	%/ Total	Variação %*
Vinho comum	164,73	146,58	227,45	70,49	2,72
Vinho especial	1,37	1,40	0,27	0,08	-12,66
Vinho de viníferas	39,89	40,20	25,43	7,88	-3,68
Espumantes	2,72	2,28	4,27	1,32	3,83
Filtrado doce	7,01	11,22	9,11	2,82	2,21
Suco de uva	5,43	4,87	9,15	2,83	4,44
Suco de uva concentrado	8,21	11,03	16,50	5,11	5,99
Cooler	2,65	2,66	10,42	3,23	12,09
Outros	5,21	2,65	20,05	6,21	11,89
Total do Estado	237,22	222,89	322,65	100,00	2,60

Fonte: União Brasileira de Vitivinicultura – UVIBRA.

* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

O fato de o Brasil consumir essencialmente vinho de uvas americanas é peculiar no mundo. Os países de maior tradição na produção vinícola bem como aqueles que recentemente ingressaram nesse setor, em geral produzem vinhos de uvas viníferas. A Tabela 07 mostra que, com exceção do vinho de viníferas e do vinho especial, a

⁶ Maiores detalhes são discutidos na seção 5.3.

comercialização dos demais produtos apresenta taxas positivas de crescimento, cuja média global para todos os itens é de 2,60% ao ano⁷.

Os principais mercados consumidores dos vinhos gaúchos são os estados que apresentam maior população e maior nível de renda, conforme se observa na Tabela 08. Notadamente, o estado de São Paulo é o maior consumidor de vinhos do país, com mais de um terço do total. Destaca-se também as taxas negativas de crescimento das exportações e dos vinhos comercializados no próprio estado do Rio Grande do Sul. Por outro lado, a maior taxa de crescimento é verificada no item outros estados. Isso pode ser explicado pela abertura e conquistas de novos mercados de vinhos brasileiros.

Tabela 08 - Comercialização de vinhos e outros produtos elaborados no Rio Grande do Sul, por destino, em milhões de litros.

Estado \ Ano	1990	1995	2002	% Total	Variação %*
São Paulo	99,20	85,78	114,00	35,33	1,16
Rio Grande do Sul	47,90	33,73	41,78	12,95	-1,13
Rio de Janeiro	19,81	20,85	43,24	13,40	6,72
Paraná	16,69	20,56	27,74	8,60	4,32
Minas Gerais	12,45	12,70	20,03	6,21	4,04
Bahia	8,23	9,03	11,04	3,42	2,47
Outros Estados	25,48	28,21	58,01	18,00	7,10
Subtotal	229,76	210,86	315,84	97,89	2,69
Exportação	7,47	12,03	6,80	2,11	-0,78
Total	237,22	222,89	322,65	100,00	2,60

Fonte: União Brasileira de Vitivinicultura – UVIBRA.

* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

Em termos de embalagem, os produtos elaborados no Rio Grande do Sul são comercializados a granel (carro tanque), barris, garrafões e engarrafados. Todavia há uma tendência de redução no uso de barris e garrafões como indica a Tabela 09. Observa-se que o volume comercializado em garrafas tem aumentado a taxa superior a 5% ao ano. Esse fato acaba beneficiando a economia local tendo em vista a maior agregação de valor ao

⁷ Vinho especial é um vinho de mesa composto de certa parcela de vinho de viníferas e de vinho comum.

produto. Os vinhos transportados a granel são destinados principalmente para item outros Estados. Nesse caso, as embalagens são de acordo com as necessidades do comércio local.

Tabela 09 - Comercialização de vinhos e outros produtos elaborados no Rio Grande do Sul, por embalagem, em milhões de litros.

Embalagem	Ano			% Total	Variação %*
	1990	1995	2002		
Granel	89,3	90,9	158,63	49,16	4,90
Barris	9,6	10,1	4,11	1,27	-6,83
Garrações	73,8	48,1	41,13	12,75	-4,76
Engarrafados	64,5	73,8	118,78	36,82	5,22
Total	237,2	222,89	322,65	100,00	2,60

Fonte: União Brasileira de Vitivinicultura – UVIBRA.

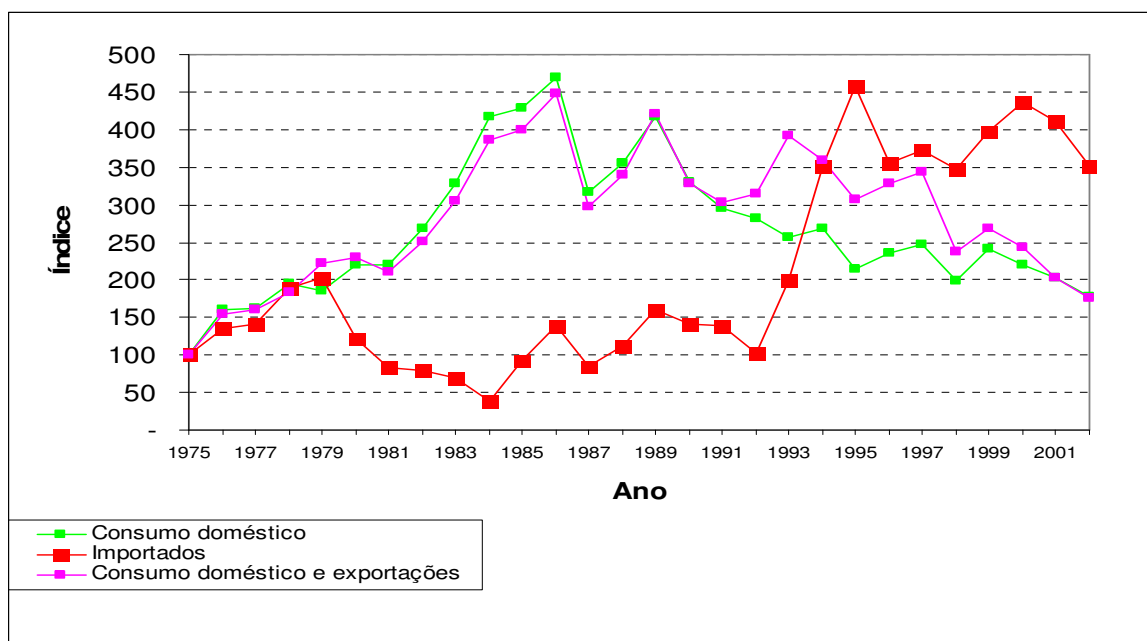
* Taxa média anual de variação de 1990 para 2002.

Um obstáculo enfrentado pelo setor vinícola do Brasil, em especial do Rio Grande do Sul, refere-se à mudança da tendência de consumo do vinho fino no mercado doméstico. Estudo realizado por Mello (2002) indica que, no período anterior à abertura dos mercados (1990 a 1996), a comercialização dos vinhos finos, incluindo nacionais e importados, apresentaram taxa média anual de crescimento de 10,1%⁸, enquanto para o período posterior (1995 a 2001), essa taxa tornou-se negativa em 2,7% ao ano. Se forem considerados somente os vinhos nacionais, o incremento durante o primeiro período foi de 2,9% ao ano contra um decréscimo de 7,0% anual, no segundo período. Isso evidencia uma perda substancial de mercado brasileiro para os vinhos importados.

Contudo, numa análise de período mais longo, conforme se observa na Figura 05, constata-se que, até o ano de 1996, o consumo per capita de vinhos finos produzidos no Rio Grande do Sul apresentou uma trajetória de crescimento, independentemente do mercado interno ou externo. Aliás, de 1975 até 1979, houve um crescimento de todos os segmentos do mercado, até mesmo dos produtos importados. Nota-se, no entanto, que a partir de 1980, o consumo per capita do vinho nacional continuou crescendo, com uma redução no consumo dos importados. Tal fato ocorreu até o ano de 1984, permanecendo estável até 1993. Após 1996, exclusive, observa-se clara tendência de decréscimo do

consumo do vinho fino que se estende até o ano de 2002. Não obstante, o patamar de consumo médio per capita do vinho importado manteve-se constante no período 1994/02, o que sugere a influência de outros fatores sobre a demanda de vinhos finos.

Figura 05 - Índice de consumo per capita de vinhos finos nacionais e importados no período 1975/2002.



A pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001), em parceria com o Instituto Brasileiro do Vinho – IBRAVIN, com consumidores de vinho dos principais centros do País, constatou que o custo da bebida é um dos principais entraves ao consumo. Para aumentar o consumo, o estudo indicou que, para capitais como Porto Alegre, Curitiba, Salvador e Rio de Janeiro, seria necessária uma redução de preço, e para as cidades como Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Ribeirão uma maior divulgação e esclarecimento sobre os benefícios do vinho.

O preço do vinho também aparece como um dos principais fatores para o consumo, ficando em segundo lugar nas capitais de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Ribeirão Preto, e em quarto lugar em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília. Além disso, a pesquisa revelou que a cerveja é o principal produto substituto do vinho. Fato que foi constatado em todos os centros consumidores pesquisados.

⁸ O estudo contempla a análise de tendência em dois períodos (1990/96 e 1995/97) empregando o modelo $Y = Ae^{rt}$ e média móvel trienal.

Assim, para verificar o comportamento da demanda do vinho fino em relação aos seus determinantes, procurou-se estimar o modelo econométrico, expresso pela equação 1 a seguir:

$$C = \alpha + \beta_1 PV + \beta_2 PC + \beta_3 R + \beta_4 VI + e \quad (1)$$

onde C representa o consumo per capita do vinho fino comercializado pelo Rio Grande do Sul, exclusive exportações de vinho de mesa⁹, PV , o preço do vinho, PC , o preço da cerveja, R , a renda per capita, VI , o vinho importado per capita, α representa o consumo autônomo, β_1 , β_2 , β_3 e β_4 são os parâmetros estruturais do modelo. e é o erro aleatório serialmente não correlacionado, com média igual a zero e variância constante.

Os dados utilizados referem-se à série anual do período 1975 a 2002, os quais foram transformados em logaritmo. Esse procedimento permite estimar diretamente as elasticidades as quais são representadas pelos coeficientes de cada variável independente. Os preços do vinho e preço da cerveja foram obtidos no Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas – IEPE -, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja coleta é feita mensalmente nos mercados de Porto Alegre, desde 1965, com a finalidade de calcular o índice de inflação. Tais preços foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços, Disponibilidade Interna, IGP-DI, da fundação Getúlio Vargas. A renda per capita refere-se ao Produto Interno Bruto, PIB, brasileiro deflacionado pelo respectivo deflator implícito. Os demais dados foram obtidos na UVIBRA e EMBRAPA/CNPUV de Bento Gonçalves.

Os resultados estatísticos do modelo estão resumidos na Tabela 10. Nota-se que os sinais dos coeficientes das variáveis explicativas estão de acordo com as relações teoricamente esperadas em relação à variável dependente. As estatísticas t_s mostram que é possível aceitar a hipótese de influência das variáveis explicativas, a exceção do preço da cerveja. Esse indicador apresentou nível de significância de 0,17%. De qualquer maneira, o teste F indica que o conjunto das variáveis explicativas influencia de forma significativa a

⁹ Os resultados com ou sem exportações de vinho de mesa apresentaram resultados semelhantes em função do comportamento quase idêntico das duas variáveis ao longo do período. Por esse motivo optou-se por utilizar o consumo per capita sem as exportações, por ser mais realista.

variável dependente. Já o teste de Durbin-Watson mostrou-se inconclusivo em relação à existência de autocorrelação serial dos resíduos. O coeficiente de determinação ajustado indica, por sua vez, que as variáveis independentes explicam quase dois terços a variabilidade do consumo.

Tabela 10 - Resultados estatísticos do modelo de demanda para os vinhos finos elaborados no Rio Grande do Sul.

Variáveis e testes	Coefficiente	Erro padrão	Estatística t	Probabilidade
Constante	-43,87	8,02	-5,46	0,00
Preço do vinho	-0,9009	0,33	-2,69	1,30
Preço da cerveja	0,6083	0,43	1,39	17,53
Renda per capita	4,8127	0,89	5,35	0,00
Consumo de vinhos importados	-0,4865	0,09	-5,53	0,00
Coefficiente de determinação ajustado (R^2)	0,62			
Erro padrão da regressão	0,21			
Estatística F	12,01			0,00
Durbin-Watson	1,30			

Os coeficientes estimados e, portanto, as elasticidades indicam que a demanda é inelástica em relação ao preço, isto é, uma variação percentual no preço provoca uma queda na demanda menos que proporcional. Contudo, essa elasticidade é muito próxima à unidade. Isso vem corroborar os resultados do estudo da UFRGS (2001), que constatou a importância do preço do produto como forte entrave no consumo de vinhos no país. A elasticidade-preço estimada, ainda conforme a Tabela 10, indica que, em média, durante o período considerado, um aumento de 10% do preço do produto reduziria o consumo per capita em 9%.

A cerveja, como constatado pela UFRGS (2001), pode ser considerada um bem substituto. Essa conclusão advém do fato de que elasticidade-preço cruzada é positiva, embora menor que a elasticidade-preço da demanda. Nesse caso, uma redução de 10% no preço da cerveja tenderia a reduzir o consumo de vinho fino em 6,2%. Já, em relação à importação de vinhos de mesa, constata-se que essa variável apresentou a menor

elasticidade, indicando que um aumento de 10% nas importações levaria a um decréscimo do consumo do vinho fino nacional de 4,9%.

Por fim, a renda per capita tem uma forte influência sobre o consumo de vinho. Levando-se em conta que a elasticidade-renda é de 4,9, isso indica que o vinho é um bem de consumo classificado como normal e superior. Tal fato significa que uma elevação de 10% na renda dos consumidores aumentaria o consumo de vinho em 49%. Com as elasticidades obtidas torna-se, portanto, possível determinar qual a contribuição média de cada variável na queda do consumo verificada a partir de 1986 (Tabela 11). De fato, o aumento das importações tem se caracterizado como a grande responsável pela redução do consumo de vinhos durante o período considerado. Todavia, salienta-se que as variações do preço da cerveja – bem substituto – também tiveram uma parcela de contribuição expressiva para a queda do consumo, isto é, em -22,69%. Por outro lado, a queda do preço do vinho foi pouco relevante com apenas 4,4% quando comparada com a da renda de +73,1%. Essa última variável foi que evitou uma redução ainda maior do consumo de vinhos no mercado brasileiro.

Tabela 11 - Efeitos das variáveis explicativas sobre a queda do consumo per capita do vinho fino a partir de 1996.

Variáveis	Média do período 1985/87	Média do período 2000/202	Variação (%)	Efeitos no consumo per capita (%)
Consumo per capita (l)	0,303	0,149	-50,8	
Preço do vinho (R\$)	12,18	11,58	-4,9	+4,4
Preço da cerveja (R\$)	2,69	1,69	-37,2	-22,7
Renda per capita (R\$)	6.946,87	7.554,07	8,7	+73,1
Consumo de vinhos importados (l)	0,041	0,158	285,4	-139,8
Efeito total				-85,0

Ressalta-se que, mesmo após atingir a estabilidade dos níveis de importação, fato percebido no período 1994/2002, a tendência do consumo do vinho fino nacional é de queda, levando a crer que outros fatores estão agindo negativamente na demanda, como por exemplo as mudanças nos hábitos do consumidor originária da disponibilidade de maior quantidade de vinhos importados.

Por fim, o mercado final é o determinante fundamental do sucesso ou fracasso de uma cadeia produtiva. Os consumidores são, em última análise, os agentes que escolhem entre vinhos finos nacionais e importados. Essa decisão parecer ser mais favorável aos importados quando o mercado é exposto à concorrência internacional. Tal ameaça ao setor é um importante foco de estudo no sentido de determinar quais seus possíveis reflexos sobre a cadeia produtiva da uva e do vinho.

6– Aspectos institucionais e organizacionais da cadeia

A cadeia produtiva da uva e do vinho é caracterizada como sendo a mais estruturada da região da Serra Gaúcha. Os atores que integram uma cadeia produtiva ou complexo agroindustrial se organizam e se relacionam numa linha de integração vertical. As principais ações desenvolvidas estão associadas ao exercício de identificação de entraves tecnológicos que afetam diretamente a competitividade da cadeia produtiva. A Cadeia central, apenas para efeito ilustrativo, comporta diversas entidades altamente organizadas cujo papel é representar os interesses dos produtores. Dentre as mais importantes, destacam-se:

i) Associação Brasileira de Enologia – ABE, criada em out/1976 com o nome de Associação Brasileira de Técnicos em Viticultura e Enologia (ABTEV). Fundada nas dependências da Escola Agrotécnica Federal JK, em Bento Gonçalves, pelo professor Firmino Splendor. Seu objetivo é promover a enologia e a viticultura nos planos científicos, tecnológicos, artísticos, didáticos e de cultura geral. A entidade atua na promoção de encontros para discussão de problemas e experiências relacionada à enologia, viticultura e áreas conexas, divulgação de trabalhos e intercâmbio de informações. Responsável pelo envio de vinhos para concursos internacionais, a organização do Concurso do Espumante Fino Brasileiro e, futuramente, a realização do Concurso Internacional de Vinhos no Brasil.

ii) Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos – APROVALE - criada em 1995, no Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Em 2001, foi instituído o Conselho Regulador de Indicação Geográfica como órgão responsável pela gestão, manutenção e preservação da indicação geográfica regulamentada com 12 atribuições básicas. O principal objetivo é atender às necessidades legais e à evolução da

vitivinicultura da região. A atuação da entidade conta com estrutura equipada para receber as demandas e com convênios operacionais com a EMBRAPA Uva e Vinho e com a Universidade de Caxias do Sul. As vinícolas associadas à APROVALE submetem os vinhos produzidos para indicação de procedência, com a finalidade de obtenção do selo de controle. Essa certificação é concedida pelo Conselho Regulador de Indicação Geográfica do Vale dos Vinhedos.

iii) Associação Gaúcha de Vinicultores – AGAVI - criada em agosto de 1981 e conta com a participação de 79 associados. Em 1997, destacou-se pela atuação junto ao Governo do Estado na criação do “Fundovitis”, reivindicação antiga do setor, e a criação do IBRAVIN, participando do conselho deliberativo. A instituição está localizada no município de Flores de Cunha, e o objetivo é congregar os produtores de vinho do Rio Grande do Sul e atuar diretamente nas principais decisões que envolvem o setor Vitivinícola, como a Lei Federal de Vinho de 1988, Mercosul e questões ligadas à importação de vinho e melhora do produto nacional.

iv) Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves, instituído em outubro de 1959 como Colégio de Vitivinicultura e Enologia, no município de Bento Gonçalves, passando a operar de forma efetiva em 1960. A entidade mudou de denominação para Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (CEFETBG), em 2002. O objetivo da entidade é fornecer educação em nível técnico através de elaboração de projetos de pesquisa e extensão e intercâmbio Institucional. Encontra-se instalada numa área de 843,63 mil m², dividida entre a sede e fazenda-escola, com a preocupação de formar profissionais técnicos em Enologia, Agropecuária, Informática e profissionais em nível superior em Tecnologia em Vitivinicultura e Enologia.

v) Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Uva e do Vinho – EMBRAPA - Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE). Foi criada em 1975. Recebeu uma nova denominação em março de 1995 e passou para Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV) da Embrapa a qual está situada em Bento Gonçalves – RS. O objetivo da entidade é gerar tecnologias e transferir informações para o aprimoramento dos sistemas produtivos rurais e os processos agroindustriais e de controle de qualidade dos produtos do setor da uva e do vinho.

vi) Federação das Cooperativas Vinícolas do Rio Grande do Sul – FECOVINHO -, situada em Bento Gonçalves, constitui-se no primeiro órgão de classe organizada no país que surge juntamente com as Cooperativas, em 22 de novembro de 1952. O principal objetivo é congregar e defender o interesse das vinícolas no cenário econômico e político estadual e nacional. A entidade conta com 19 cooperativas associadas e tem atuação direta com os interesses das mais de quatro mil famílias de pequenos viticultores associados. Criou o “programa de integração e desenvolvimento das cooperativas vinícolas da serra gaúcha (PIDCOOP)”, para reorganização do setor cooperativo vinícola.

vii) Instituto Brasileiro do Vinho – IBRAVIN -, surgiu a partir da criação do Fundovitis em 1999, constitui-se num foro de vitivinicultura brasileira. Encontra-se localizado em Bento Gonçalves e tem por objetivo buscar o desenvolvimento harmônico do setor vitivinícola promovendo debates entre os produtores de uva, indústrias de vinho, cooperativas e governo do Estado. A entidade atua vinculada ao Governo do Estado e diretamente no atendimento das necessidades dos produtores. Como resultado, montam Cursos de Capacitação dos Viticultores, Cadastro Vitivinícola e Pesquisa sobre o mercado brasileiro do vinho, entre outros em andamento.

viii) União Brasileira de Vitivinicultura – UVIBRA -, criada por um grupo de empresários em setembro de 1967, em Bento Gonçalves, tem por objetivo representar e defender os interesses do setor vitivinícola junto a organizações nacionais e internacionais, além de aprimorar e difundir o intercâmbio de conhecimentos técnicos sobre a produção vinícola. A entidade desenvolve ainda campanhas educacionais e publicitárias a fim de incentivar o consumo de vinhos no país ou no exterior, e realiza levantamentos estatísticos de suma importância para o setor, tanto de produção como de comercialização da uva e seus derivados.

7 – Conclusões e considerações finais

A cadeia produtiva da uva e do vinho caracteriza-se como uma das mais estruturadas da região da Serra Gaúcha. Os atores integrantes dessa cadeia produtiva ou complexo agroindustrial tendem a se organizarem e se relacionarem numa linha de integração vertical. As principais ações desenvolvidas estão associadas ao exercício de identificação de entraves tecnológicos que afetam diretamente a competitividade da cadeia produtiva. Portanto, o papel das instituições, sejam elas reguladoras, de pesquisa e desenvolvimento sejam como fornecedoras de insumos e de equipamentos, entre outros, pode constituir-se em elos de impulsão ou de estrangulamento para o desempenho da cadeia produtiva da uva e do vinho.

A produção mundial de vinhos teve quedas sucessivas nos últimos três anos, cujo volume máximo aproximou-se a 30 bilhões de litros anuais em 2000. A França, a Itália, Espanha e os Estados Unidos figuram como os países maiores produtores de vinhos. No conjunto, eles detêm em torno de 60% do total mundial produzido. Há também uma clara tendência de aumento da participação na oferta de vinhos por parte dos países considerados menos expressivos na produção de vinhos.

Quanto à produção doméstica da uva e do vinho, os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina são responsáveis por quase toda a produção nacional, ou mais precisamente, perto de 90% do produto ofertado no mercado. O destaque é a produção de uvas e vinhos da categoria dos comuns. Os municípios maiores produtores de uvas da Serra Gaúcha são Bento Gonçalves, o segundo em produção de vinhos, e Flores da Cunha que se encontra na segunda classificação em produção de uvas, mas em primeiro lugar na fabricação de vinhos.

No que se refere ao mercado brasileiro de vinho e outros derivados da uva e do vinho, caracteriza-se por ser pouco expressivo quando comparado com outros países tradicionais. O consumo por habitante, embora com tendência ascendente, encontra-se em patamares muito baixos, isto é, em torno de apenas 1,8 litro anual.

A análise do mercado externo brasileiro mostra que os principais produtos exportados são o suco de uva, especialmente o concentrado, e o vinho de mesa, cujo destino são os mercados consumidores japoneses, norte-americano e paraguaio. Por outro lado, as importações de vinhos pelo Brasil são originárias sobretudo do Chile, Itália, Argentina e Portugal. Ressalta-se ainda que o resultado da balança comercial relativa ao vinho e derivados de uva e derivados é deficitário para o Brasil.

O mercado consumidor brasileiro de vinhos produzidos na Serra Gaúcha é notadamente constituído pelos estados com maior população e mais ricos da federação. Nesse sentido, São Paulo, Rio de Janeiro e o próprio estado do Rio Grande do Sul são os que mais participam no consumo de vinhos. Somente o estado de São Paulo consome mais de um terço de todo o volume de vinhos e derivados produzidos.

Por fim, constata-se que o mercado brasileiro de vinhos tende a ser altamente dependente da renda do consumidor e, portanto, do crescimento econômico do próprio país. Por outro lado, as importações de vinhos representam uma preocupação adicional ao setor vinícola Gaúcho, em particular para os vinhos finos. Nesse sentido, a cadeia produtiva apresenta uma certa vulnerabilidade ao comportamento de variáveis externas à economia brasileira as quais não são controláveis diretamente. Esse fato tende a se constituir como um dos principais estrangulamentos enfrentados pelo setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Mário O. **Gestão Agroindustrial: Gepai –Grupo de estudos e pesquisas agroindustrias**. São Paulo SP, Ed. Atlas S/A. 1997, 573 p. (volume I)

BELLON, B. **La filière de production: un concept de crise**. London, Centre de Recherches en économie Industrielle, Université de Paris-Nord, 1983. (Documento de Trabalho, 106).

BRACHT, Mário J. Agroindustrial Technological park of Parana West and regional development. In: V World Conference on Science Parks, Rio de Janeiro, **Proceedings of V Conference on Science Parks**, v. 1, p.232 – 242, 1996, (29 e 30 out.).

BRITTO, N.P. J. **Technological diversity and industrial networks: an analysis of the modus operandi of co-operative arrangements**. Sussex U.K.1998 <http://www.sussex.ac.uk/spru.htm>>. (Texto para Discussão).

CASTRO, Antônio M. G. **Prospecção de cadeias produtivas e gestão da Informação**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/tecnologia/revistas/artigos/SPcamp>, 2002. Acesso em: 29 nov. 2002). 27 p.

CLEMENTE, Ademir & HIGACHI, Hermes Y. **Economia e Desenvolvimento Regional** São Paulo SP: Ed. Atlas S/A, 2000, 260 p.

CUNHA, C.J.C. **A competitividade da agricultura brasileira no Mercosul: estudo de caso**, Brasília, IPEA, 1994, 46 p. (Série Estudos de Política Agrícola nº 03).

EMATER. Levantamento da fruticultura comercial do Rio Grande do Sul **Série Realidade Rural**, v.28, Porto Alegre, EMATER-RS/ASCAR, 2002, 80 p.

HADDAD, Paulo R. (org) **Economia Regional: teorias e métodos**. Fortaleza: Etene/BNB, 1989.

LAPOLLI, J.N.; MELLO, L.M.R. de; TARBACH, C.; BRENNER, G. ; TEIXEIRA, A.N.; SANTIAGO, R.W.; COMIN, J.C. **A competitividade da vitivinicultura brasileira - análise setorial e programa de ação para o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: BANRISUL/EMBRAPA-CNPUV/SEBRAE/RS, 1995. 200p

MATTUELA, Juvir L. & MELLO, Loiva M. R. de **Abordagem prospectiva: da cadeia produtiva da uva e do vinho do Rio Grande do Sul**, **Revista de Política Agrícola**, Porto Alegre RS, v. 8, n. 02 p. 01 – 11, abril, maio, junho 1999.

MEDEIROS, José A., MEDEIROS, Lucília A., MARTIN, Thereza & PERILO, Sérgio **Pólos, parques e incubadora: a busca da modernização e competitividade**, Brasília, CNPq/IBICT/SENAI, 1992, 312 p.

MELLO, L. M. R. de. **Tendência de Consumo e Perspectiva do Mercado de Vinhos no Brasil**. Artigos Técnicos. Disponível em: < <http://www.cnpuv.embrapa.br/>. >. Acesso em: 05 jan. 2004. 7 p.

MONTOYA, Marcos A. **Produção induzida pela demanda final no Mercosul: uma abordagem de equilíbrio geral do tipo insumo-produto**. In: I Encontro de Economia e Econometria da Região Sul, Florianópolis SC, v. 1, 17 e 18 de set/1998, 21 p.

NORTH, Douglass C. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, 152 p.

PAZ, Ivoni N. & BALDISSEROTTO, M Isabel. **A estação do vinho: história da Estação Experimental de Viticultura e Enologia – EEEVE – (1921 –1990)**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1997, 148 p.

PIRES, Júlio M. Economia regional e urbana In: PINHO, Diva B. & VASCONCELLOS, Marcos A. S. **Manual de Economia**. São Paulo, SP: Saraiva, 2002, cap. 27, p. 584 – 529.

POSENATO, José C. & ZORZI, Isidoro. **A regionalização da universidade: conceitos e perspectivas**. Caxias do Sul, RS, Assessoria de Planejamento da universidade de Caxias do Sul, 1992, 44 p.

PROCHNIK, Victor & HAGUENAUER, Lia.(2001) **Cadeias produtivas e oportunidade de investimentos no nordeste brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Ago, 28 p. (Texto para Discussão n° 453)

O'CONNOR, Robert e HENRY, Edmund. **Análise de input-output e suas aplicações**. Lisboa: Edições 70, 1982.

RICHARDSON, Harry W. **Insumo-produto e economia regional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SOUZA, Sinval, O. & KLIEMANN José. **Desenho e análise da cadeia produtiva de vinhos finos Gaúchos**. Disponível em <http://www.anpad.org.br/enanpad/2002/html/enanpad2002-gol-800-resumo.html>, 2002, Acesso nov. 2003 ,14 p.

SILVA, E. R. A. **Mercosul: base de dados da integração agrícola e agro-industrial**. Brasília, IPEA, 1994, 134 p. (Série Estudos de Política Agrícola n° 24).

TRICHES, Divanildo & ZORZI, Isidoro. Globalization: The new scientific and technological challenges of Serra Gaúcha-RS Brazil. In: XVII IASP World Conference on Science and Technology Parks, Instambul - Turquia, **Proceedings of XVII IASP World Conference on Science and Technology Parks**, v. 1, 1999, 8 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estudo do Mercado Brasileiro do Vinho, Espumantes e Suco de Uva**. Porto Alegre: UFRGS; Bento Gonçalves: IBRAVIN. Relatório consolidado, 2001.